

DIÁLOGOS COM A OBRA *O FIM DO IMPÉRIO COGNITIVO: A AFIRMAÇÃO DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL*, DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS (2019)

*Helânia Thomazine Porto*⁴⁷

RESUMO

Este texto tem por objetivo realizar aproximações com as ideias apresentadas no livro *O fim do império cognitivo*: a afirmação de Epistemologias do Sul, de autoria de Boaventura de Sousa Santos, publicado em 2019, pois a obra traz temáticas que são relevantes acerca da insurgência de Epistemologias do Sul, que se deu em resposta às Epistemologias do Norte por sua percepção limitante acerca dos que estão do outro lado da linha abissal, esses considerados como não humanos. Acolhe-se o pensamento de Santos, quanto ao devir “de que a mudança histórica em perspectiva epistemológica provirá de um movimento do Sul para o Norte”, tendo como atores principais os deserdados e os pobres, e não os opulentos e de outras classes obesas; os indivíduos partícipes de novas massas e não os acorrentados aos velhos dogmas; os de pensamentos livres e convergentes, não os apegados ao “discurso único”. Avalia-se que as Epistemologias do Sul podem acontecer em processo lento ou mais rápido, pois são dependentes do grau de consciência e de ativismo social, e ainda estão relacionadas ao próprio futuro da vida no planeta, pois, independentemente da nacionalidade, somos todos habitantes de um mesmo lugar: o planeta Terra e sujeitos a intempéries comuns.

Palavras-chave:

Epistemologias do Sul. O fim do império cognitivo. Boaventura de Sousa Santos.

ABSTRACT

This text aims to approximate the ideas presented in the book *The end of the cognitive empire: the affirmation of Epistemologies of the South*, by Boaventura de Sousa Santos, published in 2019, because work brings themes that are relevant about the insurgency of Southern Epistemologies, which was given in response to Epistemologies of the North due to its limiting perception of those who are on the other side of the abyssal line, those considered as non-humans. Santos' thinking is accepted, regarding the future “that the historical change in epistemological

⁴⁷ Professora e pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no Departamento de Educação - Campus X. Doutora em Ciência da Comunicação: processos midiáticos, pela UNISINOS - RS. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB), do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiaticização, mediações e recepção - PROCESSOCOM (CNPq/CAPES/UNISINOS) e da Rede AMLAT (América Latina: Comunicação, cidadania, educação e integração latino-americana). <http://orcid.org/0000-0001-8158-5546> E-mail: hveronez@uneb.br.

Linguagem, Cultura e Ensino

perspective will come from a movement from the South to the North”, having as main actors the disinherited and the poor, and not the opulent and other obese classes; individuals participating in new masses and not chained to the old dogmas; those with free and converging thoughts, not those attached to the “single speech”. It is estimated that Southern Epistemologies can happen in a slower or faster process, as they depend on the degree of awareness and social activism, and are also related to the future of life on the planet, because, regardless of nationality, we are all inhabitants from the same place: planet Earth and subject to common conditions.

Keywords:

Southern Epistemologies. The end of the cognitive empire. Boaventura de Sousa Santos.

1 Introdução

Este texto tem por objetivo realizar aproximações com as ideias apresentadas no livro “O fim do império cognitivo: a afirmação de Epistemologias do Sul”, de autoria de Boaventura de Sousa Santos, publicado em 2019, pela editora Autêntica (MG), pois a obra traz temáticas que nos são caras, especificamente quando apreendemos dessas discursividades reflexões acerca da insurgência de Epistemologias do Sul, justificando que as Epistemologias do Norte não deram conta de entender as profundas transformações, por sua percepção limitante, em “que se divide o mundo entre sociabilidade metropolitana e sociabilidade colonial, sendo esse abismo prevaletente ainda hoje, como fora no tempo do colonialismo histórico, em que os que estão do outro lado da linha abissal não são considerados verdadeiramente ou completamente humanos(p. 412). Partindo dessa análise, Santos aponta uma luz, ainda que trêmula, em um túnel sem luz, as teorias e metodologias produzidas pelo Sul. Para o autor,

As epistemologias do Sul referem-se à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. Chamo o vasto e muito diverso âmbito dessas experiências de Sul anti-imperial. Trata-se de um Sul epistemológico, não geográfico, composto por muitos seus epistemológicos que tem em comum o fato de serem conhecimentos nascidos em lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. (SANTOS, 2019, p. 8)

Trata-se de uma obra instigante e densa, de 480 páginas, organizada em doze capítulos, agrupados em três partes: em que na primeira, têm as bases das Epistemologias do Sul, na segunda as questões metodológicas que decorrem de pesquisas efetuadas e de experiências compartilhadas em Epistemologias do Sul e na terceira, sobre as possibilidades e desafios pedagógicos colocados pelas Epistemologias do Sul.

Imagem 1: Capa do livro



Fonte: <https://grupoautentica.com.br/autentica/livros/o-fim-do-imperio-cognitivo/1725>

2 Aspectos apreendidos na discursividade de *O Fim do Império Cognitivo*

Na obra é possível identificar na primeira parte explicitações acerca dos conceitos-chaves das Epistemologias do Sul que as diferenciam das epistemologias, identificando-se nessas distinções as exclusões abissais produzidas pelas Epistemologias do Norte, tendo como indagação se há jogos especulares entre as Epistemologias do Sul e as Epistemologias do Norte que devam ser evitados”. Pode-se “construir um terreno comum alargado com base na alteridade, no reconhecimento do ser-outro?” (SANTOS, 2019, p.10),

Linguagem, Cultura e Ensino

em que se aponta como proposição construções teóricas de base em uma sociologia das ausências, sociologia das emergências, das ecologias de saberes, da tradução intercultural e das artesanias das práticas dos constructos que podem apontar para rupturas.

Nesse sentido, Santos desenvolve os conceitos chaves de “Epistemologias do Sul”, delineando-as como um universo teórico, metodológico e pedagógico que desafia o domínio do pensamento eurocêntrico. Partindo da concepção de epistemologias como conhecimentos produzidos nas experiências e nas resistências, de forma coletiva, como das lutas sociais, das lutas de povos, grupos e categorias marginalizados, que enfrentam com seus corpos políticos (moribundos, sofrendores e jubilosos) os sistemas opressores materializados no capitalismo, no colonialismo, no patriarcado e na produção da ciência excludente. Avalia que as Epistemologias do Sul representam formas de conhecimento que são geralmente, desacreditadas, apagadas e ignoradas pelas culturas dominantes do Norte global. que se estruturam da dicotomia mente e corpo; estas, por sua vez reconhecidas e validadas como ciência.

Tais correntes baseiam-se em duas premissas fundamentais. A primeira é a de que a ciência apoiada na observação sistemática e a na experimentação controlada é uma criação específica da modernidade ocidentalocêntrica, radicalmente distinta de outras ciências com origem noutras regiões e noutras culturas do mundo. A segunda premissa é a de que o conhecimento científico, dado o seu rigor e potencial instrumental, é radicalmente diferente de outras saberes, sejam eles laicos, populares, do senso comum, intuitivos ou religiosos. (SANTOS, 2019, p. 11)

Tem-se por base nessas reflexões a divisão dos direitos humanos por linhas abissais, como por exemplo, a violência contra a mulher, na medida em que suas explicações estão amparadas no simples fato de a mulher ser mulher e, portanto, sua humanidade ser questionada. Conforme pontua Santos (2019), por muito tempo o pensamento crítico ocidental desconsiderou a existência dessa linha divisória, reproduzindo uma crítica social excludente. Entretanto, do outro lado da linha, situam-se aqueles que são reconhecidos como humanos, os europeus e os estadunidenses. Sendo, assim, as Epistemologias do Sul apontadas como o lugar de se pensar as transformações e avanços sociais, essas como alternativas de outras alternativas das produzidas até então pelas críticas eurocêntricas.

Sobre algumas alternativas do Sul apresentadas em objeções as que são normalmente levantadas e defendidas pelas Epistemologias do Norte, o autor seleciona três categorias para análise: os conceitos de ciência, de relativismo e de objetividade; colocadas as suas apreensões por intelectuais europeus como contraditórias às que são defendidas nas Epistemologias do Sul, uma vez que essas últimas partem de experiências profundas dos sentidos corporeificados, no fazer científico; pois considera-se que a justiça global só pode existir através de uma mudança epistemológica que garanta a justiça cognitiva global, aos modos de uma pedagogia profunda dos sentidos, que seja capaz de criar estratégias alternativas de mobilização política e de ativismo, promovidas por grupos sociais oprimidos; permitindo, assim representar o mundo com seus próprios termos, em vistas de sua transformação, e com base em suas aspirações, em um mundo que não oferece “luz no túnel”.

Nesse sentido, defende a descentralização do saber ocidental, em face do desenvolvimento de teorias de alteridade científica pensadas por intelectuais do Sul. Apesar de recorrer da dicotomia norte-sul para apresentar as estratégias do Sul, faz a ressalva de que essas epistemologias não são simetricamente opostas, no sentido de acolhimento de pensamentos de rupturas às estruturas hegemônicas, produzidos no Norte, assim também de ciências que se ergueram no Sul, conforme a linha abissal presente na origem da ciência moderna, em que se dicotomiza emoção e razão. Pois,

tal como no caso das epistemologias do Sul, não existe uma epistemologia do Norte única – existem várias, embora alguns dos seus pressupostos básicos sejam regra geral, os mesmos: prioridade absoluta dada à ciência como conhecimento rigoroso; rigor, entendido como determinação; universalismo, entendido como sendo uma especificidade da modernidade ocidental e referido a qualquer entidade ou condição cuja validade não é dependente de qualquer contexto social, cultural ou político concreto; verdade, entendida como a representação do real; uma distinção entre sujeito e objeto, o que conhece e o que é conhecido; a natureza enquanto *res extensa*; a temporalidade linear; o processo da ciência por via das disciplinas e da especialização: a neutralidade social e política como condição de objetividade. (SANTOS, 2019, p. 11)

O autor, nesse sentido, considera a territorialidade epistêmica do Sul, não no sentido de uma espacialidade unilocalizada, mas no sentido de território no plural, portanto nos “suis” epistemológicos; entretanto, vale

Linguagem, Cultura e Ensino

sinalizar que tanto no Norte quanto no Sul as influências das ciências modernas ainda se fazem presentes no fazer investigativo desses dois grandes territórios. Nossos centros de formação ainda primam por um fazer científico no âmbito das especialidades e de uma objetividade que anula posicionamentos políticos e participações coletivas em construções autorais, como das produções delineadas de lutas, de resistências e das formas diversas produzir e de ressignificar conhecimentos; conforme avalia Santos (2019):

O conhecimento científico desenvolvido no norte global no modo hegemônico de o norte global representar o mundo como seu é, por essa via, transformá-lo de acordo com as suas próprias necessidades e ambições. desse modo, o conhecimento científico, conjugado com o superior poder econômico e militar, atribuiu ao norte global o domínio imperial do mundo na era moderna e até os nossos dias (p. 11).

Nesse sentido Santos esclarece que as epistemologias forjadas no Sul têm por objetivo ultrapassar o dualismo normativo vigente nas epistemes do Norte, o que não significa apagar as diferenças entre norte e sul, e sim, apagar as hierarquias de poder, que se tem assentado um “cosmopolitismo subalterno, da base para o topo.” Assim, em lugar da “universalidade abstrata, deve-se promover a liberdade pela pluriversalidade”, pensada na potencialidade de pluralismos articulados na hibridização cultural, na corporeidade e na corporalidade.

Na segunda parte do livro, a questão da corporeidade e da corporalidade do conhecimento são tratadas de forma mais contundentes, entendendo as Epistemologias do Sul como lugar onde se forja a ciência pela aproximação da mente com corpo, ampliando, a concepção de conhecimento incorporado apresentada por Merleau-Ponty, ao destacar três experiências de corporização do conhecimento presentes nas Epistemologias do Sul: do corpo moribundo, do corpo sofredor e do corpo jubiloso. Partindo dessas categorias, Santos discute sobre “aquecimento da razão”, entendida como o ponto existencial no qual razões e emoções se encontram quando se pretende alimentar a vontade (o desejo) e a capacidade de lutar contra a dominação e a opressão.

Santos acredita que seja esse o caminho para a transformação social, por isso nega a neutralidade científica tão defendida pela ciências ocidentais, sendo, portanto um passo importante para essa mudança epistêmica o reconhecimento dessa linha abissal, retomando de forma mais veemente as

principais questões colocadas, defendendo a necessidade de descolonizar as ciências, pela eleição de metodologias não extrativistas, metodologicamente fundamentadas nas relações sujeito-sujeito (em ruptura ao sujeito-objeto), identificando, assim, alguns marcadores dessa imaginação epistemológica posta em prática, com suas ações investigativas participativas pós-abissal, por meio de uma pedagogia de descolonização da visão/do olfato/ do paladar/ do tato, por uma escuta profunda e sensível, pois conhecer é uma atividade corporea, o que implica atenção aos cinco órgãos dos sentidos já (re)conhecidos, ou quem sabe de um sexto, resultante de diversas combinações dos demais. Sendo a tradução intercultural apresentada como proposição de intercambiar os diferentes meios do conhecer corporificado.

Na terceira parte da obra, Santos concentra-se nas dimensões sensoriais e emocionais das Epistemologias do Sul, considerando que a existências dessas hoje se dão em oposição às do Norte, sendo importantes no presente, para que no futuro essas também deixem de ser necessárias, pelo processo de tradução intercultural. Pois as Epistemologias do Sul invocam necessariamente ontologias outras, revelando modos de ser diferentes dos povos oprimidos e silenciados; povos que têm sido radicalmente excluídos dos modos dominantes de ser e de conhecer; reflexões que se amparam nas epistemes de Paulo Freire, principalmente na sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1987) e do teórico Patrício Gerreiro Arias (2010), a cosmovisão *Corazonar*.

Nesse sentido, detemo-nos mais um pouco na epistemologia *Corazonar*, proposta por Patrício Guerrero Arias, por essa falar muito do sentimento de indígenas do extremo sul baiano. *Corazonar* é uma antropologia comprometida com a vida, cunhada milenarmente por povos indígenas da América do Sul. E, como é uma sabedoria ancestral tem se constituído como uma resposta política que insurge frente a colonialidade, desprezando a hegemonia do conhecimento pela razão, mostrando que nossa humanidade é constituída da inter-relação entre afetividade e razão.

Corazonar, que quer dizer o coração das sabedorias insurgentes para combater a colonialidade do poder, é traduzida por Boaventura de Sousa Santos como um saber corporeificado em ruptura ao pensamento colonial, uma vez que uma das características da colonialidade do poder e do conhecimento tem sido operar a partir de perspectivas logocêntricas e

Linguagem, Cultura e Ensino

epistemocêntricas, o que lhe permitiu estabelecer a hegemonia. Uma razão que tem implicado na subalternização e marginalização da afetividade, dos sentimentos, com sua transferência para as esferas subterrâneas, ao se perceber a escassa presença de emoções e de ternura no conhecimento, entendida por Santos como outra forma de exercício de poder e de colonialidade do ser, mesmo naquele pensamento que aparece como crítico, que, preso ao epistemocentrismo, continua a recriar formas de colonialidade do conhecimento.

Partindo da episteme *Corazonar*, Santos retoma a *pedagogia da tradução intercultural*, considerando que essa episteme que tem sido estruturada no Sul pode contribuir para produzir e reforçar articulações transnacionais entre lutas e entre movimentos sociais, contribuindo, assim para a globalização contra-hegemônica, considerando que somos devedores dessas teorias radicais - a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire e a Ação-investigação participativa, de Orlando Fals Borba, pois ambas tratam da pesquisa participante como compromisso-ação ou como práxis centrada em um fazer político contra-hegemônico, concepções calcadas na valorização da cultura popular.

Dessa dialética, propõe que nessas sabedorias insurgentes há possibilidade de construção, não só de um horizonte epistêmico diferente, mas, sobretudo, de um horizonte diferente de civilização e de existência apresentadas, logo não se precisa de tanta epistemologia para se materializar, mas sim, de sabedorias que nos aproximam, o que requer a incorporação do saber e do ser, cujo potencial epistêmico, ético, estético, político e referencial de sentido permitem tecer as vidas.

Dentre tantas reflexões, o autor trata dos desafios e das ações rumo à descolonização da universidade ocidental e ocidentalizada, dando ênfase a educação popular, revelando alguns caminhos, através dos quais as universidades poderão florescer enquanto pluriversidade e subversidade. Pois, é tempo de a academia começar a dialogar com os que estão subjugados a linha abissal, quem sabe a partir do *Corazonar*, de Arias, da Pedagogia do Oprimido, de Freire e da Ação investigação, de Borga; essas como respostas insurgentes à colonialidade do poder. Por uma ecologia de saberes e a consequente tradução intercultural, em que o sentimento não exclui o pensar, mas, ao contrário, o incorpora e possibilita outra forma de saber, nomear e

fazer; ou seja, outro horizonte de existência, como mostra a sabedoria do Amauta Kichwa, em Corazonar.

Assim, trazendo essas provocações para a nossa existencialidade, as considerações finais estão atravessadas por algumas apreciações, situadas na perspectiva de professoras-pesquisadoras de universidades públicas formadoras de educadores.

3 Nossas Apreciações

Pensar nas epistemologias do Sul, é um reportar-se a diferentes contextos, teimosias, desobediências e insistências. Socializar os saberes construídos nesses universos não nos parece ser tão simples, ainda que se estruture pela interdisciplinaridade e multiculturalidade, por uma ecologia de saberes e [consequentemente] pela tradução intercultural, como forma de ruptura com o pensamento colonizador, já que as marcas da colonialidade estão presentes em nós. E, quando se tensiona essa descolonialidade do pensamento, levando em consideração linhas abissais como gênero, raça e classe social, transposição das barreiras do império cognitivo e econômico são muito mais difíceis, principalmente para os que estão em situações de extrema pobreza e vulnerabilidades.

As Epistemologias do Sul, ainda em construção, por uma maioria de intelectuais brancos, não possibilitaram descolonialidades, com potencialidades de subversão ao modelo positivista hegemônico, que separa o sujeito da objetividade científica do mundo mítico, da vida, das culturas (MORIN, 1986, KAMBEBA, 2020; KRENAK, 2020).

Nesse sentido trazemos para pensarmos também as Epistemologias do Sul a filosofia *Teko Porã*, pois trata-se de uma cosmovisão Guarani que está na nossa alma original, que significa viver em aprendizado e convivência com a natureza. Pois, o conhecimento nasce também da profunda conexão e interdependência com o ambiente, com a vida em pequena escala, sustentável e equilibrada, nas relações de produção autônomas e autossuficientes. Ele também se expressa na articulação política da vida, através de práticas coletivas e horizontais, como nas assembleias locais, nos espaços comuns de socialização, como nos parques, jardins e hortas urbanas, pontos de cultura, cooperativas de produção e consumo, e nas diversas formas do viver coletivo.

Linguagem, Cultura e Ensino

Esse saber também guarda correspondência com o histórico desejo de emancipação e unidade dos povos latino-americanos, expressado na utopia da Pátria Grande (Abya-Yala). Somente podemos defender uma epistemologia do Sul quando essa se estruturar em oposição ao “Viver Melhor” do capitalismo, que explora o máximo os recursos disponíveis até exaurir as fontes básicas da vida; só assumindo essa cosmovisão Teko Porã, que é VIVER BEM, que se contrapõe à iniquidade própria do capitalismo, em que poucos vivem bem em detrimento da grande maioria que está sujeito as diversas formas de exclusão.

O produtivismo e o consumismo desenfreados e fúteis têm se mantido devido à exploração predatória dos recursos naturais e só tem servido para manter à ganância de alguns. É no enfrentamento desse sistema perverso que se encontra a luz para iluminar as Epistemologias do Sul, pois enquanto o capitalismo, que transforma tudo em coisa, até nossos corpos e desejos mais profundos, não há como corporificar outras epistemes. Nesse sentido, há de se romper como o modelo individualista inerente na produção técnico-científica, no egoísmo e no imediatismo; irromper com a monetização da vida em todos os seus campos e com a sua desumanização, para nós, corpos moribundos-sofredores-jubilosos talvez sejam esses as epistemes mais revolucionárias.

Nesse conjunto de ações, assumir as pautas dos grupos subjugados, sendo as epistemologias transversalizadas pelas questões de identitárias, assumindo, assim, junto a cosmovisão indígena *Teko Porã*, o *Ubuntu*, de origem africana, presente em várias manifestações da cultura popular brasileira: na roda de samba, na roda de capoeira, no jongo, nas cirandas, que coloca a emancipação humana e a cidadania em novos patamares, conforme pensaram Desmond Tutu e Nelson Mandela. Esses ao valorizarem e ressignificarem essa ética para o mundo contemporâneo, apresentam o Ubuntu como uma cultura milenar de justiça social e um compromisso político coletivo para a construção de pensamentos que rompam com a lógica ocidental, de sujeito autocentrado e de individualismo exacerbado.

Concordamos com Boaventura de Sousa Santos (2019) quanto as Epistemologias do Sul buscarem descolonizar as mentes e os corpos, assumindo o *Corazonar*, a Pedagogia do Oprimido e a Ação investigação, dentre outras éticas, como teorias e metodologias de seus saberes e fazeres. Nesse sentido, cremos que o Sul não busque em suas epistemologias o poder

pelo poder, e nem pretende se alienar na disputa pela hegemonia científica, uma vez que não se almeja repetir os modelos organizativos do passado; pois são corpos desejantes de horizontalidades e de interatividades nas instâncias deliberativas, garantindo o efetivo empoderamento social para uma nova forma de fazer política, educação e ciência.

Daí a necessidade de uma ciência/pensamento, como corpo político, sensível, amoroso que transite pela “linguagem comum das ruas”, que se construa a partir das propostas e reivindicações que surgem das mobilizações sociais, ambientais, culturais e políticas, de participação livre e aberta a qualquer cidadão. Entretanto, o reconhecimento dessa pluralidade não implica uma postura conciliatória em relação aos setores que estão comprometidos, de diferentes formas, com a manutenção do sistema de exploração e domínio em vigor, seja pelo controle ideológico, econômico ou político, pois essa dominação sempre fora articulada pela aliança escusa entre grandes corporações econômicas, midiáticas e financeiras e os partidos e governos que lhes são subalternos. Por isso é necessário romper com as falsas polarizações e buscar uma alternativa real e concreta de transformação social.

Acolhemos o pensamento de Boaventura de Sousa Santos, quanto ao devir “de que a mudança histórica em perspectiva epistemológica provirá de um movimento do Sul para o Norte”, tendo como atores principais os deserdados e os pobres, e não os opulentos e de outras classes obesas; os indivíduos partícipes de novas massas e não o homem acorrentado aos velhos dogmas; os de pensamentos livres e convergentes, não o apegado ao “discurso único”, por uma outra Globalização, conforme nos lembra Milton Santos (2008).

E, essas epistemologias podem acontecer em processo lento ou mais rápido, pois são dependentes do grau de consciência e de ativismo social, e ainda estão relacionadas ao próprio futuro da vida no planeta, pois, independentemente da nacionalidade, somos todos habitantes de um mesmo lugar: o planeta Terra e sujeitos a intempéries comuns, conforme alerta Ailton Krenak (2021)

Nossos corpos ainda que jubilosos são sabedores de que não se rompe com os preconceitos étnico-raciais, linguísticos, sociais, de gênero, apenas com desobediência às epistemologias conservadoras, pois a construção desse modo excludente de pensar e de organizar a sociedade está

Linguagem, Cultura e Ensino

intimamente relacionada à economia capitalista, ao sistema patriarcal e aos aparelhos opressores do Estado. Contudo, não se pode deixar de pensar e agir em nosso território de forma revolucionária, ainda que, apoiados/as em convergência de formas de pensar e sentir os saberes, conforme propõe a episteme transmetodológica. Pois, na construção dessa cosmovisão, faz-se urgente que nos (re)conheçamos a partir de nossas tradições, diversidades culturais e identitárias, ainda que seja pela *antropofagia* de outros, diante a nossa incompletude radicalmente positiva, revelando assim, "a indispensabilidade dos outros, ou a *impensabilidade* de um mundo sem Outrem", conforme perspectiva de Viveiros de Castro, (2002), como também nos lembra o incansavelmente Krenak (2021), precisamos ser críticos/as a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania, isto é, "bem viver".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERREIRO, Patrício Arias. *Corazonar: Una antropología comprometida con la vida, miradas otras desde Abya-Yala para decolonización del poder, del saber e del ser*. Quito, Equador Ediciones Abya-Yala, 2010.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *O lugar do saber*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo; Companhia das Letras, 2020.

MORIN, Edgar. *O método*. Vol 3. *O conhecimento do Conhecimento*. Lisboa: Europa-América, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação de epistemologias do Sul*. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.